

A HISTÓRIA DE BRENDA – DE VISITANTE A USUÁRIA DO MUSEU DA MARÉ

Helena Maria Marques Araújo – UERJ/PUC-Rio

Este trabalho é fruto parcial de minha pesquisa de doutoramento sobre a dimensão educativa do Museu da Maré. Fiz um recorte epistemológico e apresento no texto as análises feitas do Livro de Presença de Visitantes e do Livro de Depoimentos do Museu da Maré relativos aos anos de 2009 e 2010. As inferências quantitativas dos gráficos sobre os números de visitantes entrecruzados com as análises qualitativas dos depoimentos me permitiu inúmeras conclusões, inclusive chegar a Brenda - a menina de 11 anos que de tanto frequentar o Museu se torna usuária do mesmo. Tal “acompanhamento” foi feito através da análise cuidadosa dos Livros institucionais do referido Museu. Portanto, este estudo de caso nos permite entender nas entrelinhas o quanto aquele espaço museológico se torna por excelência um espaço de educação não formal numa comunidade popular da região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, esse estudo nos proporciona a percepção e constatação de como a história local da Maré e as memórias conscientes ou subterrâneas dos sujeitos coletivos vão sendo construídas em determinados tempos e espaços.

1.0 Livro de Presença de Visitantes

Em 2009 e 2010 o maior número de visitantes do Museu da Maré é de mulheres. A segunda conclusão é que percentualmente mais da metade do público é de estudantes até 10 anos ou entre 11 a 20 anos, logo de escolares e a grande maioria de escolas municipais. Percebemos um aumento declarado dos estudantes de escolas municipais, de 59% em 2009 para 87% em 2010. Poderíamos imaginar vários fatores determinantes disso, como por exemplo: a facilitação da Secretaria Municipal de Educação disponibilizando ônibus, através de um projeto implantado nas escolas municipais nos últimos anos; a maior popularidade do Museu da Maré na mídia e nas universidades; a implantação de programas de educação ambiental com pessoas ligadas à universidade, ou da própria Maré com diversos dos cursos oferecidos no Museu; e com menor possibilidade, um aumento da consciência da importância dos museus comunitários e ecomuseus no movimento social, além do aumento de pesquisas que abordam a temática. Ou simplesmente podemos supor que esses estudantes tenham visitado o

Museu com professores ou guias que tenham lembrado aos estudantes de que eles deveriam assinar os Livros institucionais.

O terceiro grupo que mais visita o Museu pela faixa etária é o de jovens adultos entre 21 e 30 anos, apresentando tanto em 2009, quanto em 2010, um percentual de visitação constante em 17%. Cabe-nos aqui a inferência de que alguns podem ser alunos do pré-vestibular do CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré).

A quarta conclusão é o fato de percebermos que o grupo percentualmente que menos vai ao Museu da Maré, tanto em 2009 quanto em 2010, é o de faixa etária acima de 60 anos. Como já afirmamos poderíamos levantar diversas possíveis explicações: tratar-se de grupos sociais populares e com menor poder aquisitivo, logo, a dificuldade de locomoção é maior, ou o próprio fato de normalmente haver menor longevidade em grupos sociais de maior vulnerabilidade. Mesmo assim, cabe-nos a lembrança de Cazelli (2007) que nos afirma que o público da maioria de museus brasileiros ainda é de escolares em visitas escolares. Os pais ou familiares ainda levam pouco as crianças aos museus e eles próprios vão pouco, comparativamente a outros países.

Como quinta conclusão percebemos que os grupos institucionais e que mais frequentam percentualmente o Museu da Maré, depois das escolas municipais, são indivíduos de instituições variadas e em terceiro lugar aqueles ligados às universidades (variando de 6 a 10% nesses dois anos pesquisados). Neste ponto encontramos em nossas observações de campo um significativo número de universitários ou professores universitários e/ ou pesquisadores que frequentam o Museu em seu cotidiano, como o professor e pesquisador de música, ou o grupo de universitários e o professor de Ciências Sociais de uma universidade pública que fazem um trabalho regular no Museu da Maré. Cabe lembrar que foi em 2010 que se iniciou um programa de educação ambiental em convênio com o Museu da Maré e Secretaria Estadual de Ambiente.

Também como mudanças percebemos que em 2010 o Museu teve uma baixa no número total de visitantes, de 7803 em 2009 para 3080, ou seja, menos do que a metade do número de visitantes. Paradoxalmente aumentou significativamente o número de visitantes estrangeiros, o que de certa forma fala a favor da intenção de alguns dos diretores entrevistados que não desejam que o Museu da Maré seja apenas um museu da comunidade, querem que ele seja um museu da cidade, do país e do mundo. Em relação ao restante das regiões brasileiras já não podemos afirmar o mesmo, pois os números baixos de visitas permanecem percentualmente inalterados, mas em relação aos

estrangeiros os dados mostram que houve um crescimento percentual no número de visitantes.

2. O Livro dos Depoimentos

“Memória e esquecimento são duas cabeças de um mesmo bicho-de-sete. Cabeças que cortadas, se regeneram, como as da Hidra de Lerna. Cabeças que se alternam, binárias. Ora brotam, ora decepam. Ora ali, ora não mais. Portanto, presentes ou ausentes – como presentes ou ausentes são os que se fazem registrar nos dois livros institucionais do Museu da Maré. Por suas próprias, ou pelas mãos de outros, eles aparecem descritos nas linhas que se emendam ao início e ao fim dos doze tempos de relógio. As linhas pautadas de dois volumes, como os chamo: o livro de presenças e o livro de ausências.” (Chagas, Viktor. 2007, p. 1)

O trecho acima foi retirado do texto de Viktor Chagas (id) denominado *Museu é como um lápis*, fonte de minha inspiração para analisar alguns depoimentos e recorrências no Livro de Depoimentos relativo aos anos de 2009 e 2010.

2.1. De visitante a usuária: acompanhando Brenda

Com relação ao Livro de Depoimentos dos visitantes do Museu da Maré optamos por dividir nossas análises e reflexões em alguns eixos temáticos à luz dos principais conceitos por nós escolhidos. Esses eixos se justificam pelo fato de nosso objetivo central ser analisar como o Museu da Maré pode fortalecer as identidades locais e construir a memória e a história local através de sua dimensão educativa.

Sendo assim, estruturamos nossa análise e conclusões segundo alguns critérios, são eles: os eixos temáticos, a repetição e constância de algumas afirmações que podem ser interpretadas como evidências e alguns itens que nos chamaram atenção quer por curiosidade, originalidade ou significância no contexto pesquisado. Cabe lembrar que evitamos nos deter ou escolher depoimentos de pessoas acadêmicas, ou universitárias, ou conhecidas do grande público como artistas etc. Demos preferência aos moradores do local e eventualmente estrangeiros, pelo fato de que estes se constituem num número significativo dentre os frequentadores do Museu da Maré.

Constatamos que o número de crianças e jovens que frequenta o Museu da Maré é grande. Logo, merece a ressalva de que o Museu desempenha um papel agregador na vida dessas crianças e jovens na medida em que oferece para além da exposição, diversos cursos como: balé, informática, instrumentos musicais, hip-hop, teatro, sala/roda de leitura, exibição de filmes, debates sobre diversos temas (como holocausto, violência), depoimentos como de uma sobrevivente do holocausto etc, além do PET (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). Nesse sentido, o Museu da Maré de fato se configura como um museu que surge e se transforma na demanda do movimento social (Varine, 1995).

Associa-se a essa ideia de museu pró ativo, uma mudança no conceito de visitante, que seria melhor ser chamado de usuário, como sugere Moreira (2007) devido à ampliação da oferta de serviços do próprio museu.

“Globalmente, entende-se por público o conjunto de usuários de um serviço. No caso específico dos museus, os usuários são todos aqueles que utilizam um serviço à disposição pela instituição museu. Assim, o público dos museus corresponde não só aos visitantes (pessoas que entram ou entraram no museu), mas também à parcela daqueles que, de alguma maneira, sem uma relação presencial no museu, usufruíram dos serviços ou bens por ele disponibilizados (p. e. encomenda de livros ou outros materiais por catálogo, visitas a exposições itinerantes, destinatários de ações pedagógicas levadas a efeito nas escolas...)” (id, p. 101)

Sendo assim, nesse tipo de museu pró ativo encontramos alguns pontos reincidentes deslizando pelos depoimentos dos Livros do Museu. Por exemplo, há várias crianças/ adolescentes que vão conhecer o Museu e ficam indo para lá repetidas vezes e assinam várias vezes também, tantas quantas forem ao Museu. Nesses depoimentos encontramos muitas “falas” como a de Lilian Britto Shumlesh, em março de 2009, que afirma: *É muito legal (sic) gostei apesar de ter vindo umas 500 vezes (sic) muito legal.* Ao buscarmos no Livro das Assinaturas mais informações sobre a Lilian não encontramos diretamente, pois ela não declara sua localidade, nem escola que frequenta e também não diz sua idade. Porém, pela proximidade com outras Assinaturas de crianças entre 11 e 13 anos, trata-se provavelmente de menina de 11 /12 anos e moradora da Baixa do Sapateiro, pois um pouco acima de sua assinatura no Livro das Presenças há uma outra pessoa, provavelmente parente - com o mesmo sobrenome dela - que se declara da Baixa (como os moradores do local se referem carinhosamente à comunidade da Baixa do Sapateiro pertencente ao Bairro da Maré).

Outro depoimento anônimo e enfático nos diz *Gostei, vim 11 vezes*, ou ainda *Eu adorei o museu, venho aqui sempre que posso! BJKS!!* (Sic) *Foi muito legal Juliana*. Juliana talvez seja mais uma menina entre 14 a 16 anos moradora ali da Maré, provavelmente também da Baixa do Sapateiro, porque seu nome foi assinado no meio de alunos de uma escola e nessa faixa etária.

A maioria dessas crianças ou adolescentes são moradoras do entorno, logo o Museu faz parte do cotidiano das mesmas e se torna referência em suas próprias vidas já que elas passam por lá cotidianamente, pedem para beber água, ir no banheiro, brincam na “casinha”, como chamam a palafita da exposição permanente, correm pelo pátio etc. Sobre isso, Marceley nos diz em novembro de 2010: *Eu adorei a casinha e tudo*.

Ainda inspirada na experiência de Viktor Chagas (2007) que acompanhou o percurso de algumas crianças nos Livros de Depoimentos e Assinaturas do Museu da Maré, também tentamos acompanhar Brenda de Souza Carvalho em suas aventuras pelo Museu, na medida do que nos foi possível pelos Livros institucionais. Ela é uma menina que tinha 11 anos em 2009, moradora do Conjunto Bento Ribeiro Dantas (chamado pelos moradores de Fogo Cruzado).

Brenda primeiramente nos saltou aos olhos pela repetição com que ela escreve no Livro de Depoimentos e assina, além dela escrever coisas de criança, simples, mas muitas vezes ocupando meia página com uma letra bonita, porém enorme. Escreve por exemplo, em 26 de março de 2009: *Brenda Beijos (sic – desenha vários corações)*; ou ainda em maio de 2009: *Adorei o museu Ass: Brenda BJS !!!* (sic- desenha mais um coração), neste momento já assina o Livro de Presenças declarando ter 12 anos, provavelmente tendo aniversariado por essa época. Não conseguimos descobrir em que escola estuda, pois não declara isso, pelo percentual estatístico deve estudar numa escola municipal da região. Nem sempre quando assina o Livro de Presenças ela faz depoimentos ou vice-versa. Mas, digamos que para uma criança de 11/12 anos é frequente as vezes que aparece nos dois Livros e demonstra coerência. Tem letra legível e parece expansiva a se julgar pelo espaço que ocupa nas páginas, sempre assina o nome todo no Livro de Presenças e apenas Brenda no Livro de Depoimentos. Também percebemos que neste último se sente muito à vontade para desenhar corações, escrever com letra enorme, fazer frequentemente declarações carinhosas ao Museu e ocupar meia página apenas com uma ou duas pequenas frases.

Portanto, no Livro de Depoimentos Brenda demonstra maior intimidade com o livro e com o espaço do Museu. Também em relação à comunidade da Maré, aonde

mora, se refere muitas vezes apenas como Fogo, diminuição de Fogo Cruzado, “codinome” do Conjunto Bento Ribeiro Dantas. Talvez faça cursos no Museu ou participe do PET, ou ainda da Sala de leitura, não sei. Com seu linguajar infantil e contemporâneo Brenda se refere à palafita falando *Eu gostei da cabana* em novembro de 2009.

O caso de Brenda pode ser banal, passar despercebido, mas pode, também, nos ser emblemático na medida em que exemplifica as ações do Museu da Maré transcendendo em muito o espaço museológico de um museu clássico. Mostra-nos também, na prática, o valor daquele lugar para a população local, como nos declararam vários diretores e funcionários do Museu em suas entrevistas e que desejam que o Museu narre a história da Maré, valorize aquela população, valorize a favela, empodere as identidades locais e estabeleça uma reflexão sobre a história e a construção daquelas memórias. Já escrevemos anteriormente sobre isso, um dos principais motivos para o surgimento do Museu é a busca do empoderamento identitário local, da ampliação de uma cidadania crítica e ativa. Portanto, mais uma vez a aposta nas práticas educativas conscientes, ou não, emergem nas “águas da Maré”, ou melhor, do Museu da Maré.

Com certeza a intenção dos dirigentes e funcionários é transformar e criar com essas práticas educativas novas mentalidades, atingindo prioritariamente uma população de crianças, adolescentes e jovens de várias comunidades da Maré. É claro que constatamos nos Livros institucionais que a maioria dessas crianças, assim como outros visitantes da Maré, são de comunidades do entorno do Museu, como do próprio Timbau, da Baixa do Sapateiro, do Conjunto Bento Ribeiro Dantas (Fogo Cruzado) aonde mora Brenda, dentre outras.

No Livro de Depoimentos as crianças também escrevem sobre as brincadeiras e a sensação de liberdade que vivenciam lá dentro, como podemos perceber no depoimento anônimo a seguir: *Ai amei, fizemos bagunça ai foi tão bom*. E é convivendo com tantos símbolos e memórias que elas vão interiorizando valores e referências ali perpetuados e transmitidos através de práticas educativas não formais em que de visitantes acabam se tornando usuárias daquele espaço educativo.

Uma provável colega de Brenda chamada Natalia, escreve logo abaixo dela no dia 20/04/2009 e faz o seguinte interessante depoimento: “(Sic- é desenhado um coração) *Oi meu nome é Natalia tenho 12 Anos Adorei tudo do museu. (sic) é tudo muito importante para sabermos como era o mundo antigamente Vocês estão de Parabéns ! (sic – desenha um coração) Beijos: Natalia*.”

Diversas crianças e jovens pegam livros emprestados na biblioteca do Museu, ou participam da sala de leitura, outras do PET ou ainda dos cursos oferecidos no Museu, além de receberem toda a mensagem museológica transmitida na visita à exposição permanente e às temporárias do próprio Museu através da livre observação e/ ou das explicações dos guias sobre o espaço museal. Portanto, mais uma vez o Museu se apresenta como um espaço não formal de educação sob vários ângulos, tanto nas visitas às exposições, quanto na participação dos sujeitos nos cursos lá oferecidos de forma não escolar, mas sistematizada e não formal.

O depoimento de Joyce Carvalho em 18/10/2010, estudante da Escola Municipal Bernardo de Vasco, nos diz *Eu gostei do museu da Maré por que é simples é legal. Também é importante a história da Anne Frank¹ por ela viveu 2 anos escondida eu nem você não conseguiria mais tudo aqui e bom. Escrito por Joyce Carvalho*” Joyce não diz quantos anos tem, mas podemos imaginar que tenha por volta de 13 a 15 anos, que é a média de seus colegas declarantes nesse dia e pertencentes à mesma escola e mesma turma. Também não diz em que bairro mora.

O Museu da Maré tem sua exposição permanente contando a história da Maré e diversas outras temporárias, como a de Anne Frank. Fato interessante foi perceber que poucos depoimentos dos visitantes fazem alusão às exposições temporárias. Em compensação constatamos o impacto da palafita e da forma museológica de como toda a história da Maré é contada gerando maior impacto no público do que qualquer outra exposição temporária, até mesmo por um processo de identificação de seus próprios moradores.

2.2 Os eixos temáticos nas categorias de análise

No eixo temático espaço educativo não formal/ educação, encontramos muito poucos depoimentos que utilizam diretamente a palavra educação, ou aprendizagem, ou ensino, como por exemplo a escrita anônima de março de 2009 que diz *Eu gostei muito é bom aprender sobre a Maré*; ou ainda, a escrita de Fernanda Bonfim de Araújo que revela *Eu Fernanda, achei a exposição muito educativa e interessante. A exposição*

1

Uma das exposições temporárias do Museu da Maré foi a "Exposição Anne Frank – Uma história para hoje" que ocorreu de setembro a novembro de 2010 no Centro de Referência da Educação Pública do Rio de Janeiro, no Museu da Maré e no Centro Cultural de Santa Cruz Dr. Antonio Nicolau Jorge. Além da exposição houve também palestras com uma senhora sobrevivente do holocausto aberta à comunidade e a algumas escolas públicas próximas.

explica que a Maré não é só favela, tem história. Também, o depoimento simplório de Isabela (11/11/2010) nos fala sobre a possibilidade dessa aprendizagem e da consciência da mesma: *Eu Isabela Eu gostei por que eu aprendi como os brinquedo eram de madeira aonde minha mãe morava então eu agradeço muito a Deus pelos dias de hoje.*” Percebemos em seu depoimento que Isabela é uma moradora da Maré e que sua mãe morou nas palafitas, e também que ela valoriza e percebe as melhoras materiais na comunidade. Porém, no Livro de Assinaturas não encontrei mais informações sobre ela.

Além disso, encontramos vários depoimentos que falam da alegria de saber como era a vida antigamente, da emoção de ver como a mãe ou o pai viveram, de conhecer a história da Maré e declarações semelhantes. Sendo assim, percebemos que em todos esses tipos de declarações nos deparamos com o fato de haver um grande desconhecimento prévio da história da Maré anterior à visita, Porém, através da mesma novas informações são recebidas, introjetadas, recolhidas, somadas e porque não, aprendidas sobre a história da Maré e a memória local. Mais uma vez me deparo com a possibilidade de subjetividades transformadas e identidades formadas (Silva, 1999) deixando claro o alcance da dimensão educativa do Museu. O depoimento de Rosa Gabriela em 21/09/2009 confirma isso: *Eu achei super interessante, pois explica não só para mim quanto pra todas as pessoas que o mundo antigamente era bem diferente de hoje !!;* ou ainda, o depoimento de Thais Can que diz “Relembrei muitas coisas da minha infância, vou voltar com minha filha para que ela reviva comigo tudo isso!”.

O segundo eixo temático é o da memória. Thayane foi com sua avó Josenia ao Museu da Maré. Ambas são moradoras da Vila do Pinheiro e não declararam suas idades, nem a instituição escolar de Thayane. Esta menina dá o seguinte depoimento: *Rio, 20/07/09. Thayane Ramos Soares da Silva. Foi bom conhecer a história do museu da Maré e relembra como foi a infância da avó Josenia no tempo das Palafitas de lá pra cá tudo mudou pra melhor. Eu Thayane e Josenia foi bom (...)*”. Ao ler esta mensagem recordamos Ricoeur (2007) que nos fala da passagem da memória compartilhada à memória coletiva e da importância da confiabilidade da testemunha. Quanto mais uma testemunha mantém seu testemunho no tempo, maior a credibilidade da mesma. Logo, a avó Josenia ao se identificar e emocionar com a exposição museológica permanente permite que tal *memória das palafitas* se faça presente com maior significado para sua neta e a comunidade como um todo.

Sendo assim, o depoimento de Thayane nos recoloca a questão do testemunho, que Ricoeur (id) nos alerta que para sua validação há que se ter credibilidade. Mas, com

certeza para ela sua avó tem credibilidade “ancestral” e o Museu também passa a ter tal credibilidade, pois confirma as lembranças de sua avó e vice-versa, compreendendo-se assim o que Ricoeur (id) afirma ser a memória afetiva. Tanto o que fica na memória da avó, quanto da neta perpassa diretamente pela afetividade.

Em final de julho de 2009, Cláudia dá o seguinte depoimento: *Trouxe várias memórias! Obrigada!*”. Neste depoimento memória também está associada a lembrança. O que queremos lembrar e o que queremos esquecer. Com certeza o Museu da Maré e muitas pessoas das comunidades – como Cláudia – agradecem ao Museu por ter trazido as lembranças que não querem esquecer.

Essa correlação entre as lembranças dos moradores – como Thayane, Josenia e Cláudia- e o que o Museu da Maré apresenta na sua reconstrução de memórias locais formam a base comum imprescindível que Halbwachs (1968) associa ao testemunho, exemplificado pelo exposto no trecho abaixo:

“Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum.” (id, 1968, p.12)

Já o eixo temático história, assim como o de memória, é muito recorrente nos depoimentos. Fora aqueles muito simplórios - *como gostei, amei, demais* etc, história junto à categoria memória é a que mais aparece. Às vezes a noção de história está posta associada a pertencimento, identidade, como na fala de Gabriel que iremos analisar a seguir.

A noção de que um povo que tem história tem mais valor, fica claro no depoimento de Gabriel Maciel da Silva. Ele é morador de Anchieta, assim como Rafael Maciel e Josi Maciel e os três, provavelmente parentes, vão visitar o Museu da Maré. Gabriel tem 10 anos, Josi 31 e Rafael 7 anos. O depoimento de Gabriel nos diz: *Meu nome é Gabriel, Rafael e Josi. Nós moramos em Anchieta, e achamos a história da Maré muito interessante. Este povo tem história.*” em 26/07/2009. Portanto, um povo que tem história tem mais valor, logo sua identidade se fortalece, ou seja, se empoderam os sujeitos coletivamente e socialmente.

Também Joselito Mendes de Souza no mês de outubro de 2010 nos dá o seguinte depoimento: *Eu achei legal em ver que eu venci essa história.* Não conseguimos saber

mais nada da vida de Joselito, mas pelo depoimento percebemos que se trata de um morador da Maré e que viveu muito provavelmente no *tempo das palafitas*, pois ele mesmo se considera um vitorioso porque venceu essa história de pobreza e exclusão. Logo, se viveu nas palafitas que duraram até aos anos 70 e início dos anos 80 é porque tem no mínimo 30 a 40 anos. Joselito, mesmo tendo provavelmente vivido tudo isso, valoriza a exposição que narra a história e memórias construídas pelo Museu da Maré, que permitem que ele reflita sobre sua realidade.

Outro eixo importante de nossa análise é o conceito de identidade. Lídia Felix Silva escreveu: *Maré, lembranças inesquecíveis, vivo aqui desde pequena. Sou Favelada com muito orgulho. Filha de nordestinos, nascida criada na Maré. Maré é sinônimo de luta, cidadania, guerrilheiros de uma luta cotidiana. Lídia Felix.* Lídia tem 18 anos e vive no Conjunto Bento Ribeiro Dantas, mas também assina Fogo Cruzado. Quando o Museu da Maré investe tanto na construção da memória e história local tem um objetivo claro, tanto visto por nós, quanto confirmado por vários de nossos entrevistados, que é o empoderamento e fortalecimento das identidades locais. O empoderamento da palavra favela, a valorização da história local, a construção de uma memória contra hegemônica etc, nos permitem pensar que esse é o objetivo central do Museu da Maré. Lembrando mais uma vez as entrevistas dadas por Lourenço e Carlinhos (dois dos diretores do Museu da Maré), eles afirmam ser a formação política do cidadão, a valorização da história local, a construção da memória da Maré eixos da atuação desse grupo que acaba fundando também o Museu da Maré conectado ao CEASM (Centro de Ações Solidárias da Maré). O trecho abaixo de Antonio Carlos Vieira (2004) deixa claro a intenção de construir essa memória e ressignificar a história local, com a finalidade de transformação social:

“Não se pode esquecer o papel dos grupos sociais. Na verdade, como portadores das memórias coletivas, eles podem romper com esta lógica do lugar de memória atrelado à história oficial e construir novos paradigmas que deem novo sentido a este conceito e rompam com o que Nora diz ser o esfacelamento da memória (Nora, 1993, p. 17). Aos grupos sociais, cabe ressignificar os lugares de memória, devendo assumir o papel ativo na sua identificação. Um fator fundamental a ser considerado deve ser justamente o da “utilidade” dessa memória como combustível de transformação social.” (id, p. 158)

Continuando nossa trilha pelos livros institucionais encontramos alguns depoimentos saudosistas até mesmo em relação à vida precária em que viviam grande

parte dos moradores das comunidades da Maré, como o seguinte depoimento anônimo de um morador local: *Deu saudades das palafitas* (dezembro de 2010). Esse depoimento nos chama atenção não só pelo saudosismo de uma vida tão precária, mas também, pelo fato do Museu conseguir atingir de tal forma a identidade daquele indivíduo que ele se emociona a ponto de sentir saudades daquela realidade dura. Carlinhos, diretor do Museu da Maré, ao ser entrevistado nos afirma exatamente isso, que um Museu tem que emocionar, que ao entrar no Museu e se deparar com a palafita é uma emoção. E é exatamente isto que intencionalmente foi planejado e que encontramos em muitos depoimentos. Ora se já comentamos que a memória é afetiva (Ricoeur, 2007), no Museu da Maré encontramos diversos portais abertos para a afetividade ... a palafita em tamanho original logo na entrada; todos os móveis e utensílios do interior da mesma, como, o fogão, o bule de café, a louça para colocar banha, dentre outros; o barco e o São Pedro dentro; os brinquedos – como o carrinho de rolimã, a pipa, o pião ...

Tanto o saudosismo da favela e das palafitas, quanto o aprendizado de Thayane com o que sua avó Josenia viveu, nos remetem a Appadurai & Breckenridge (2007) quando afirmam que há uma enorme variação na apropriação do passado por indivíduos do presente e tensão inerente ao próprio fortalecimento identitário:

“Estas vão desde problemas associados a etnicidade e identidade social, nostalgia e busca de uma autenticidade “museificada” até a tensão entre os interesses dos Estados em fixar identidades locais e as pressões que as localidades exercem ao tentar transformar essas identidades. O resultado é uma quantidade de pressões contraditórias, algumas no sentido de fixar e estabilizar identidades grupais por meio de museus (e do potencial de se usar seus artefatos para emblematizar identidades grupais existentes ou emergentes), e outros que tentam libertar e desestabilizar essas identidades por meio de modos diferentes de expor e observar os objetos.” (id, p. 13-4)

O último eixo a ser analisado é o que tem a ver com os depoimentos dos estrangeiros, já que estes foram o grupo fora da Maré que mais visitou o Museu num ano (2010) e em segundo lugar, no outro (2009). Resolvemos dar alguns exemplos de depoimentos recebidos, como o de Soledad, argentina, que declarou: *Qué bueno es vernos y reconocernos, es lucha, el trabajo, los miedos, la resistencia y los sueños. Buena lucha! Soledad La Matarza – Argentina*” Soledad não data seu depoimento, tampouco escreve sua idade ou instituição que possa estar ligada, porém suas palavras

são claras na valorização daquele espaço, nas memórias de resistência e luta ali narradas e com as quais parece se identificar.

Alguns estrangeiros escrevem em espanhol, ou em suas línguas natais, como alemão ou holandês. Elim, da Noruega, escreveu em espanhol: *Muchas gracias por invitarnos a visitar a su historia, a su comunidad. Me impresioné mucho. Um gran saludo, Elim de Noruega*. Elim não assinou o Livro de Assinaturas no dia 24 de março de 2010, só o de Depoimentos.

Por outro lado, Harlmul Prash, austríaco de 48 anos, visita o Museu da Maré com outros estrangeiros no dia 31 de março de 2010, mas talvez pela dificuldade da língua não deixa depoimento, apenas assina o Livro de Visitantes.

Diversos são os depoimentos de estrangeiros parabenizando o Museu da Maré e encantados e solidarizados com a memória aí construída. Como nosso campo de estudo é a população local, não nos deteremos nesse tipo de análise.

2.3. Entre ausências e presenças, que aspectos podemos perceber?

Alguns pontos nos chamaram atenção ao estudar os Livros de Visitantes e Depoimentos de 2009 e 2010, por sua repetição, recorrência ou originalidade, como já citamos.

Há muitos depoimentos pequenos, quase “monossilábicos” em que crianças ou adultos se expressam de forma simplória: *Gostei, Amei, Muito legal !* Em outros são feitos símbolos, gráficos como se fossem de grafite, “pichações”,. Estes últimos, a maioria deles não conseguimos entender sua grafia e/ ou seu sentido ...

Outra constância é que em alguns grupos, escolares principalmente, às vezes todos assinam e só um dá o depoimento, na maior parte das vezes o professor, ou orientador do grupo. Encontramos isto também em turmas de faculdade, de graduação. Já os grupos de Pontos de Memória, ou outros também conscientes da importância desse tipo de museu comunitário, escrevem em geral depoimentos “apaixonados” e vibrantes com o Museu da Maré.

Outra conclusão que nos impressionou muito é que encontramos pouquíssimos depoimentos negativos, como: *Não gostei, Um saco, Muito chato*. No total dos 2 anos analisados é bem pequeno o número de depoimentos de que os visitantes não tenham gostado. Também poucos sugerem faltas, mas neste item alguns conseguem apontar sugestões, por exemplo: querem mais fotos de suas comunidades, gostariam de tirar o

Tempo da violência da exposição permanente tendo em vista que mostra diversos projéteis de armas recolhidos na comunidade da Maré, dentre outras.

Como uma outra conclusão nos deparamos com o fato de que raros são os depoimentos de deboche, em que o visitante escreva uma “maluquice” como no dia 28/10/2009 que escreveram *Ronaldo, brilha muito no Corinthians*, ou mesmo a escrita de palavrões é muito rara. Portanto, os visitantes ou usuários do Museu em sua grande maioria parece levar a sério o depoimento aí registrado.

Segundo Viktor Chagas, o Livro de Depoimentos é o livro de ausências como explica no trecho abaixo:

“Quando chamo, portanto, de livro de ausências, o Livro de Depoimentos dos visitantes do Museu da Maré, tenho em conta que estou gerando a partir disto um questionamento de minha própria avaliação. Mas, se o faço, é para chamar a atenção para o fato de que o livro-caixa, com depoimentos apaixonados sobre a experiência sensorial e narrativa do museu, é ele próprio um espaço de representação e escrita memorialista, é ele próprio um vetor, se não um lugar de memória.” (id, p. 18)

Outra permanência que encontramos é a raridade da expressão pelo desenho. Porém, há momentos que os depoimentos são muito personalistas, por exemplo: Brenda escreve várias vezes no livro de depoimentos, às vezes só anota *Ótimo museu. Ass. Brenda* e ocupa meia página, outras vezes escreve *Parabéns. Adorei. Bjs* e ocupa mais meia página. São muito personalistas esses e outros depoimentos de Brenda, como muito outros, especialmente de crianças e adolescentes.

Para finalizar gostaríamos de reforçar a ideia e hipótese de quanto o Museu da Maré é um espaço não formal e até, às vezes, informal, de educação devido a todos esses argumentos já utilizados e explicados, para construir a memória local e reinterpretar a história da Maré com fins de empoderamento identitário. Sendo assim, concordamos com Vieira no trecho abaixo quando diz que o Museu da Maré é um “lugar de memória” num local que insiste em resistir e se fazer parte da cidade do Rio de Janeiro a despeito da grande exclusão social e econômica que sofre do poder público e de parte de nossa sociedade.

“O Museu da Maré é um lugar de memória instituído por moradores da região da Maré, bairro de conjuntos populares e favelas na cidade do Rio de Janeiro. Onde justamente o senso comum insiste em dizer que não há nada para lembrar se constitui um lugar de memória que trabalha o tempo a partir

de sentidos e significados, e não, a partir do cronológico.” (Vieira, 2007, pg. 6)

Sendo assim, entendo que é essa “vontade de memória” que encontramos entre os fundadores do Museu da Maré e no seu próprio espaço museológico.

Referências bibliográficas

ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ALVES, Nilda. **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

AMADOR, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.) **Memória e tradição**. In: **Usos e abusos da História Oral**, Rio de Janeiro: editora FGV, 2002.

APPADURAI, Arjun & BRECKENRIDGE, Carol A. (Trad. STORINO, Claudia M. P.). **Museus são bons para pensar: o patrimônio em cena na Índia**. In: **MUSAS- Revista Brasileira de Museus e Museologia, n.3, 2007**. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiróz, 1979.

CANDAU, Vera Maria (org.). **Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAZELLI, Sibebe, VERGARA, Moema. **O passado e o presente das práticas de educação não formal na cidade do Rio de Janeiro**. In: **I Encontro de História da Educação do estado do Rio de Janeiro**. Niterói, RJ;. CD-ROM do IEHED – RJ, 2007.

CHAGAS, Mário de Souza. **Museu, Memórias e Movimentos Sociais**. In: **Museus Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento**. Revista Museu. 2008. ISSN 1981-6332

_____. **Museu, museologia e pensamento social brasileiro**. In: **Cadernos CEOM**. Chapecó: Argos, 2005.

_____ & ABREU, Regina. **Museu da Maré: memórias e narrativas a favor da dignidade social**. In: **MUSAS- Revista Brasileira de Museus e Museologia, n.3, 2007**. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2004.

_____ & STORINO, Cláudia M. P. **Os museus são bons para pensar, sentir e agir**. In: **MUSAS- Revista Brasileira de Museus e Museologia, n.3,**

2007. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2004.

CHAGAS, Viktor Henrique Carneiro de Souza. **Museu é como lápis (Táticas de apropriação da memória como uma ferramenta de comunicação e participação cidadã no Museu da Maré)**. In: 31º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais - ANPOCS. Anais, Caxambu, 2007.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo: Cortez, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HUYSSSEN, Andreas. PASSADOS. Presentes: mídia, política, amnésia. In: **Seduzidos pela memória**. Rio de JANEIRO: Aeroplano, 2000.

KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade & BONIN, Anamaria Aimoré. Para pensar os museus, ou “Quem deve controlar a representação do significado dos outros?”. **MUSAS-Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n.3, 2007. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas; Editora da Unicamp, 1990.

MESQUITA, Cláudia. Algumas reflexões sobre o potencial pedagógico dos museus da cidade do Rio de Janeiro para a construção do conhecimento em história nos ensinos fundamental e médio. **Site da Anpuh,- XII Encontro Regional de História, Anais, 2006**.

MOREIRA, Antonio e CANDAU, Vera (orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo: Projeto História, n. 10, dez. 1993.

POLLACK, Michel. “Memória e identidade social”. In: **Estudos Históricos**. No 10, Rio de Janeiro: Editora FGV, 1992.

_____. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Ed. CPDOC/ FGV, v. 2, n.3, 1989.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SILVA, Cláudia Rose Ribeiro da. **Maré: a invenção de um bairro**. Dissertação de Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais. História Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TRILLA, Jaume & GANEM, Elie. ARANTES, Valéria Amorim. **Educação formal e não formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008.

VARINE, Hugues de. “A Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972”. In: Araújo, Marcelo M. e Bruno, Maria Cristina O. (orgs.). **A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Icom, 1995 (mimeo).

VIEIRA, Antonio Carlos Pinto. **Do engenho à favela, do mar ao chão, memórias da construção do espaço da Maré**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Rio de Janeiro, 2008.

_____. Maré: casa e museu, lugar de memória. **MUSAS-Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n.3, 2007. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2004.

_____ & VIEIRA, Marcelo Pinto. **História da Maré**. Rio de Janeiro (RJ): CEASM, 1999, mimeo.